

## A FLEXÃO DE GÊNERO EM PORTUGUÊS

*Valter Kehdi*

Segundo o professor J. Mattoso Câmara Jr., o gênero em português pode exprimir-se através de flexão (p. ex., *lobo/loba*), de derivação (p. ex., *imperador/imperatriz*) ou de heteronímia (p. ex., *homem/mulher*) (1)

Ocupar-nos-emos, aqui, apenas com o primeiro dos recursos acima mencionados, ou seja, a flexão.

Ao contrário do que vinha afirmando a tradição gramatical portuguesa, segundo a qual a uma forma masculina em *-o* opõe-se uma forma feminina em *-a*, Mattoso Câmara propõe uma descrição original, de masculino em  $\emptyset$  (não-marcado) oposto a um feminino em *-a* (marcado)

O argumento do Autor é de que não podemos considerar *-o* como marca de masculino por opor-se a *-a* (como no par *lobo/loba*, acima), porque esse mesmo raciocínio nos obrigaria a considerar como masculino o *-e* de *mestre* (que também se opõe a *-a*; cf. *mestre/mestra*) Se é fácil associar *-o* a masculino, o mesmo não se dá com *-e*, que pode estar ligado a um ou outro gênero (comparem-se, p. ex., *ponte* (fem.) e *monte* (masc.))

Ora, no caso, a solução mais plausível (ainda na esteira de Mattoso Câmara) é considerar o masculino como uma forma não-marcada (desprovida de flexão específica), em oposição ao feminino (marcado pela flexão em *-a*) A vogal final das formas masculinas seria, então, uma vogal temática.

A originalidade dessa descrição acabou por criar escola, para o que contribuíram vários fatores.

Um deles é o paralelismo que se estabelece entre as flexões de gênero e de número. Da mesma forma que a um singular em  $\emptyset$  opõe-

---

(1) — J. Mattoso Câmara Jr., *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970, pp. 78-79: Conferir, também, outras obras do Autor.

-se um plural em-s, podemos dizer que a um masculino em-ø opõe-se um feminino em -a; em outras palavras, o masculino e o singular são não-marcados, em oposição ao feminino e ao plural, marcados.

O aspecto econômico da descrição é reforçado pela correspondência que se pode estabelecer com a Fonologia, que foi erigida em modelo das descrições morfológicas. Em Fonologia, quando dois fonemas se opõem entre si, sendo um deles marcado e o outro não (p. ex., p/b, t/ d, k/g; o primeiro membro de cada par é não marcado com relação ao segundo, caracterizado pela marca da sonoridade), tem-se uma oposição *privativa*; no caso das flexões de gênero e número, em nossa língua, teríamos, também, exemplos de oposições privativas no terreno morfológico.

É também importante assinalar o amplo e merecido prestígio do professor J. Mattoso Câmara Jr., pioneiro dos estudos lingüísticos de base estruturalista em nosso país.

Portanto, diante do exposto acima, nada mais natural que a incorporação dessa descrição pelas nossas gramáticas mais recentes. (2)

Entretanto, a observação de alguns fatos leva-nos a desconfiar da tese de um masculino não-marcado em português.

Observe-se, por exemplo, que quando se acrescenta a uma palavra feminina uma terminação que contenha -o, essa palavra passa a masculina:

*uma mulher / um mulherão;*  
*uma casa / um casarão, etc.*

Fenômeno parecido se dá noutras línguas românicas, p. ex., em espanhol, particularmente interessante para o estudo do português, já que ambas as línguas fazem parte do ramo ibérico.

É sabido que os nomes de árvores, em latim, eram feminino: *pŏpŭlus, i*, “choupo”; *mālus, i*, “macieira”; *quercus, us*, “carvalho”, etc. Ora, em espanhol, os nomes de árvores em -o são sempre mas

---

(2) — Cf., sobretudo:

— Leodegário A. de Azevedo Filho, — *Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Gernasa, 1975, p. 60.

— C. H. da Rocha Lima — *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 16ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973, p. 68.

— C. Pedro Luft, — *Moderna Gramática Brasileira*, Porto Alegre, Globo, 1976, pp. 92 e 104.

— J. Rebouças Macambira, — *Português Estrutural*, 2ª ed. rev e atual. São Paulo, Pioneira, 1978, pp. 30-31.

culinos, ao contrário do que se poderia esperar pela tradição latina; a *naranja* (fem.), “laranja”, opõe-se *na'anjo* (masc), “laranjeira”, e a *almendra* (fem.), “amêndoa”, opõe-se *almen'dro* (masc.), “amen-doeira”

Acrescente-se às observações acima o fato de que o povo, em sua linguagem espontânea, cria formas masculinas *sempre em -o*; p. ex., faz-se corresponder ao feminino *coisa* o masculino *coiso*, inexistente na língua culta.

Todos esses fatos nos levam a concluir que *-o* está intimamente associado à noção de masculino. (3)

Contudo, há um argumento aparentemente irrespondível, contrário a essa conclusão. *Se-o* é desinência de masculino porque se opõe a *-a* somos obrigados a atribuir a mesma função ao *-e* de *mestre*, que também se opõe a *-a* (*mestra*), o que é inaceitável, já que os nomes em *-e* classificam-se alguns como masculinos e outros como femininos.

Dissemos *aparentemente* irrespondível, porque não nos devemos esquecer do importante fenômeno do *amálgama*, “quando dois ou vários monemas são fundidos de modo tão indissolúvel que, se descontarmos os diversos significados de cada um no plano do conteúdo, só observaremos um único segmento no plano da forma” (4) Isso equivale a dizer que certos morfemas acumulam mais funções, têm mais “peso”, do que outros.

O fenômeno não nos deve causar estranheza, pois uma língua em que cada morfema estivesse associado a uma e a uma só função seria muito pouco econômica, pois obrigaria o falante à memorização de numerosas formas. Assim, o amálgama representa um traço econômico das línguas; um número relativamente reduzido de morfemas poderia exprimir numerosas funções.

Note-se que o professor Mattoso Câmara não desconhece o fato quando, no estudo da flexão verbal, afirma que “Assim, SNP (sufixo número-pessoal) da primeira pessoa do singular do indicativo presente também é índice desse tempo, pois só nele aparece. Formas como — *canto*, *temo*, *parto* — são inconfundivelmente do indicativo

---

(3) — Insistimos em que essa observação não se deve a considerações diacrônicas; apoiamos-nos no funcionamento *atual* do português e de outras línguas românicas, da mesma forma que o professor Mattoso Câmara se coloca numa perspectiva sincrônica.

(4) — J. Dubois, *et alii*, *Dicionário de Lingüística*, São Paulo, Cultrix, 1978 (s/v. *amálgama*, p. 44)

presente, pois só aí aparece SNP = -o átono final. O mesmo se pode dizer para SNP de P2 (segunda pessoa do singular) e P5 (segunda pessoa do plural) do pretérito perfeito do indicativo (*cantaste, cantastes; temeste, temestes; partiste, partistes*)” (5)

Voltando ao problema que nos ocupa, podemos afirmar que, em português, -o, -a e -e são, basicamente, *atualizadores léxicos*, cuja função “é a de, unindo-se a um tema, constituírem com esse imediatamente uma palavra, pronta a ser utilizada como tal no discurso” (6). Entretanto, as terminações -o e -a, quando comutam com -a e -o, respectivamente, acumulam a função de expressão do gênero, o que não se passa com -e.

O mesmo se observa no estudo da flexão verbal: a desinência -s exprime apenas pessoa e número (segunda pessoa do singular), ao passo que -ste exprime pessoa e número, além de tempo e modo (segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do Indicativo)

Podemos, assim, concluir que, em português, a flexão de gênero não se reduz a uma oposição -ø/-a, e sim a uma oposição -o/-a

O paralelismo com a Fonologia não seria rompido, pois, ao lado de uma oposição fonológica privativa, existe também uma oposição *equipolente*, quando os membros do par são ambos marcados; a flexão de gênero, em nossa língua, seria um exemplo de oposição *equipolente* no terreno morfológico (7)

Em conclusão, podemos ainda ressaltar que, assim, estabelecer-se-ia, também, um paralelismo mais estreito entre os fatos de flexão nominal e de flexão verbal em português; o fenômeno do amálgama não seria privativo da flexão verbal, mas também se manifestaria na flexão nominal, no caso específico do gênero.

---

(5) — J. Mattoso Câmara Jr., *Problemas de Lingüística Descritiva*, Petrópolis, Vozes, 1969, p. 70.

(6) — J. G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Coimbra, Atlântida, 1973, t. II, p. 539.

— Para o conceito mais amplo de *afixo atualizador*, cf. pp. 537-539.

(7) — Não desconhecemos a problemática da utilização do modelo fonológico para os estudos de Morfologia. Todavia, a discussão do problema extrapola os limites e objetivos deste ensaio.